

O que pode um corpo?

O corpo educado: pedagogias da sexualidade

LOURO, Guacira Lopes (org.)

Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 176p.

Livros podem se assemelhar a árvores. Livros-árvores, livros-raízes, marcados por uma espécie de estrutura ordenada desde um eixo central a partir do qual se posicionam os demais elementos.

Hierarquizante, simétrica e centralizadora, a estrutura arborescente revela-se como metáfora de um modo de regulação e coordenação das forças imanentes à vida: modo de dar existência às forças, imprimir-lhes formas, limitar-lhes o ilimitado, fixar-lhes a fluidez. Um modo que, operando desde referências identitárias, segmentações e oposições binárias, move-se pela devoção à replicação e pela fobia ao diferente, ao outro e aos estranhamentos. Trata-se de instituir controles sobre o vir a ser e de garanti-los através da constituição de descendentes e descendências, herdeiros e heranças, pertencimentos e exclusões. Um modo que, ao reconhecer e legitimar, captura, sobrecodifica e produz o seu avesso: um duplo não-reconhecido, pertencente ao não-sentido, ao ex-conjurado.

Tratando-se de livros, podemos, portanto, perceber que um livro pode mesmo vir a se tornar uma espécie de aparelho de captura, buscando totalizar em uma só voz – a do autor –, os sentidos ali presentes e propostos. Posiciona, portanto, o leitor como guardião/herdeiro da suposta herança ali contida, como essência naturalizada e verdadeira, a partir da qual todos poderão garantir referências ao seus nomes próprios. Um leitor reativo, passivo, limitado na ação e estimulado na ampliação de sua memória e consciência. Um livro-árvore reivindica leituras que não o rasguem ou firam com novas traduções. Pretende mesmo constituir uma espécie de fidelidade a um conjunto de pressupostos, tomados como transparentes e unívocos. Um livro-árvore pede para ser visto como livro-revelação, templo no qual o tempo se vê como espelho refletor de verdades re-apresentadas desde um passado imortalizado. Nessa espécie de livro não há futuro. Apenas devém o passado. O devir é acolhido com ressentimento. O que importa são as marcas mnêmicas, a fixação às impressões

indelévels, o investimento nas marcas. O governo e dos mortos. Mas quem não vê a insuficiência desse modo de produção?

Isso é tudo que pode um livro?

Ao ler *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, organizado por Guacira Lopes Louro, percebi que detinha em minhas mãos algo que se mostrava como uma pequena máquina, que revelando-se suscetível a múltiplos acoplamentos, foi disparadora de afecções pertinentes a uma produção nada assemelhada com a arborescente. Produziu-se um trabalho de leitura bifurcante, rizomático, que avançava à medida em que fazia alianças, misturas e combinatórias com outros textos, discursos, imagens, sentimentos, enfim, toda uma reserva fluante de desejos e signos. A leitura revelou-se como uma operadora de passagens e interconexões, permitindo novas construções textuais, interpretações e geração de outras indagações. Pode posicionar o leitor também como uma espécie de co-autor, na medida em possibilita constituir-se como uma interface, fazendo proliferar agenciamentos com outras redes e fluxos de inteligência coletiva. O próprio livro, tomado em sua materialidade, pode ser visto como efetiva prática discursiva, veículo de migração de fronteiras, colocando-se como efeito bem sucedido em direção de uma inseparabilidade entre conhecimento e vida, um dos mais caros sonhos feministas.

Podemos assinalar tratar-se de um livro polifônico, suporte das vozes de diversos autores, heterogêneos em suas procedências disciplinares e geográficas, e que se reúnem, convidados por Guacira, para a produção de um inequívoco sentido crítico às tecnologias de subjetivação, enquanto pedagogias da sexualidade, instituídas no Ocidente. Cada autor pode ser tomado como elemento de uma rede de intercessores voltada para enfatizar as necessárias alianças que possam formalizar as condições para o árduo trabalho de desnaturalizar o arbitrário cultural e constituir um novo regime de expressão, fundado em passagens e aberturas aos novos modos e olhares de dar existência ao humano. O livro de Guacira perfila-se junto a todos aqueles esforços que pretendem exercer uma espécie de pressão corrosiva e libertadora sobre os silêncios e as palavras que enlaçam os corpos, subjugando-os a modelos identitários, transcendentais e forjados no plano das demarcações rígidas, em cujas fronteiras não

há lugar para a pluralidade e ambigüidade. Corpos sexuados, sexualidades corporificadas concebidos como dispositivos históricos – efeitos positivos do bio-poder –, que colocam em xeque a própria noção de natureza, fazendo migrar muitas fronteiras como a do público/privado e a do corpo/subjetivação. O cunho crítico dos estudos apresentados caracteriza univocamente a centralidade da sexualidade no que diz respeito ao controle social e ao estabelecimento da governabilidade e, ao desconstruir as noções de normal e patológico, homo e heterossexualidade restitui ao pensamento, a possibilidade de crítica às condições que as criaram, revelando-as como constructos históricos instituídos como parte da normalização da sociedade.

Podemos dizer que, de uma forma especial, as diversas vozes presentes no livro em exame compõem uma constelação de pensadores cujo modo de pensar não parece marcado sequer pela busca de causas e tampouco por princípios teleológicos. Tais autores parecem recusar a noção de uma história unificada e coerente. Para eles, tal como refere Michel Serres, as transformações podem vir a ter lugar por todos os lados, dando-se em direções múltiplas e às vezes divergentes, através de conexões de uma rede múltipla e complexa, de caminhos acavalados e entrecruzados em nós, pontos de intercâmbio nos quais se bifurcam uma ou várias vias.¹ Rede de uma multiplicidade de tempos, de disciplinas diversas, de idéias da ciência, de grupos, de instituições, de capitais, de homens em acordo ou em conflito, de máquinas e objetos, de previsões e acasos que compõem um tecido flutuante. Ao pensar, tais autores procuram constituir um modo de visibilidade que reconhece múltiplas e mínimas operações dos sujeitos, situadas como murmurantes formigamentos que fervilham nas bordas das fissuras e das fendas da linguagem e da cultura por onde vasa o não-sentido, o indizível e o invisível. Constróem, desta maneira, uma espécie de morada do diferente, o que, contudo, não quer dizer morada da liberação, já que todos sabem que novos regimes de produção de subjetividade implicam também correlatas novas problematizações de controle. Tratando de, através da desconstrução dos sólidos argumentos de crenças e arbitrariedades instituídas histórica e culturalmente e da busca de criação de um novo regime de visibilidade, devolver aos sujeitos a potencialidade do próprio pensar, agora embebida nas intensidades da inconsciência e da desrazão, expandida, pois, para muito além da memória e da consciência. A partir deste novo paradigma,

pode-se então reconhecer que não sabemos do que um corpo é capaz, quais são as suas forças e o que elas preparam. O desconhecido e a imprevisibilidade inauguram as possibilidades de nascimento de novos mundos e novos sujeitos, apontados por vozes que falam do corpo sem órgãos, corpo-intensidade, corpo-devir. Plasticidade, eterna metamorfose, despersonalização, desidentificação. Corpo que faz desabar o Eu e as docilidades pedagógicas. Corpo hifenizado, habitante do lugar mestiço, envolto e mergulhado num 'meio', num 'entre' por onde desenvolve suas manobras de ação e reação. Terceiro incluído, faz-se como apagamento de fronteiras e como lugar de seu próprio outramento, de sua própria alteração. Acontecimento-linguagem, lugar-tempo, ser-devir, corpóreo-incorpóreo, familiar-estranho. Irredutível a fixações binárias e resistente às teorizações das metades. Corpo sensível do qual emana um conhecimento não sabido, uma língua não-verbal, uma sensibilidade primordial que é dele inseparável. Corpo escultura do tempo, corpo-alma tomado como as marcas e parcializações das maneiras de ser do próprio tempo e do próprio vazio primordial. De tal perspectiva, pensar o corpo enquanto devir, leva a tomá-lo como virtualidade, o que não significa inexistência. O corpo, tal como a realidade, coloca-se como criação distante do acabamento e da totalização. Corpos e mundo são considerados como obras abertas, virtualidades em ressonâncias, sendo o corpo um operador de linguagem, estrutura viva em devir, tensionado entre passado e futuro, entre razão e desrazão, memória e esquecimento. Corpo-alma, corpo-grávido, singular e coletivo, texto inacabado, tecido imanente que conecta cultura e natureza, inteligência e historicidade encamadas.

As transformações sociais e subjetivas a que devotam seus esforços inúmeros sujeitos, implicam o reconhecimento de um lugar não apenas para o diferente, mas em especial para a diferenciação. Revelam a importância dos modos como uma dada sociedade abre-lhe espaço e a acolhe. Diferenciação implica processualidade permanente de desfiliação, desfixação e de construção de linhas de fuga em direção ao não-sabido. Considerar o novo desde a perspectiva de um desenvolvimento previsível ou como ponto de partida de uma nova ordem social cujas diretrizes já se encontram planejadas não significa receber aquilo e aqueles que nascem em sua alteridade, mas mera e simplesmente tomá-los como expressão de nós mesmos. A direção que estamos a apontar é a do intempestivo interrompendo toda a expectativa; é

a do acontecimento imprevisto que não pode ser tomado como a consequência de nenhuma causa e não pode ser deduzido de nenhuma situação anterior.

Assim, se aquilo que nasce está longe de se constituir como continuidade de uma cronologia, operando mesmo como sua ruptura, podemos assinalar, em contrapartida, o disparo de reações do sistema social com vistas à necessidade de sua nova regulação e ordenamento. A educação e as práticas pedagógicas sentir-se-ão mais uma vez invocadas como aparelhos e tecnologias de captura e homogeneização. Ou poderemos, nesta nova ecologia social e cognitiva, vir a colocar a questão o que pode a Educação, além do que já dela conhecemos?

As lutas, decorrências e implicações manter-se-ão ativas, produzindo, na trama das conflitualidades, novas dobras, tensões e inflexões. Uma nova interioridade será proposta e esperamos

que também um novo pensamento, não sedentário, nômade, inventivo e imaginativo, que, segundo Deleuze, pode ser visto como um modo de sensibilidade e de paixão, capaz de comover a alma e deixá-la perplexa, de afetá-la em relação à alteridade como algo que, ao provocar, possibilita se fazer também como aprendizagem.² Pensamento-aprendizagem que, como diz Jorge Larrosa, ao colocar-nos em perigo, nos leva para além de nós mesmos.³

1. BERRÉS, Michel (org.). *Historia de las ciencias*. Madrid: Cátedra, 1991.

2. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora34, 1992.

3. LARROSA, Jorge & LARA, Núria Pérez de (orgs.). *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TANIA MARA GALLI FONSECA ■

Histórias de Comadre e Novas Narrativas Feministas

Old Wives' Tales and Other Women's Stories

MODLESKI, Tania

New York/London: New York University, 1998. 238p.

Em seu mais recente livro de crítica cultural feminista, Tania Modleski, autora cujo título acadêmico é Florence R. Scott Professor of English na Universidade da Califórnia do Sul, diz que as histórias relatadas por mulheres são frequentemente desacreditadas pela cultura dominante mas que o feminismo ajudou e pode continuar a ajudar a conferir legitimidade às histórias para que possam efetuar mudanças na sociedade. Mesmo assim, Modleski esclarece que o feminismo não deve apoiar histórias só porque são contadas por mulheres. Ela chama a atenção para uma entrevista dada por Virginia Thomas (casada com Clarence Thomas, que agora é juiz

no Supremo Tribunal) na revista *People* como exemplo fundamental de uma 'história de comadres', que pretendia desacreditar a história de uma outra mulher (Anita Hill) ao mesmo tempo em que protegia e defendia o patriarcado. Daí a conjunção no título de seu livro, que sugere a complexidade da relação de Modleski não só com as narrativas de mulheres como também com a categoria 'mulher'. Os capítulos de *Old Wives' Tales and Other Women's Stories* (Histórias de Comadres e Outras Histórias de Mulheres), alguns dos quais já apareceram como artigos, estudam uma variedade de histórias de mulheres que são associadas a diferentes formas da cultura popular. Além da entrevista de Virginia Thomas, Modleski escreve sobre as histórias contadas por escritoras do gênero 'aventuras romanescas'; pelas *performance artists* Sandra Bernhard e Anna Deavere Smith e pelas diretoras Jane Campion (*The Piano*), Maggie Greenwald (*The Ballad of Little Jo*) e Nancy Savoca (*Dogfight*). Modleski termina seu livro com uma história pessoal sobre sua família e a morte de sua mãe. Mas antes de discutir esses capítulos individuais, quero comentar brevemente a base teórica dos estudos de gênero literário feitos por